

**TEATRO  
NACIONAL  
S. JOAO**

**ASSIM SE FAZEM AS COISAS:  
MONUMENTAL REVISTA  
ANTIPOPULARUXOS**

# Uma dentada na revista à portuguesa

MARIA JOÃO CASTRO\*

## 1. O convite

Comecei por aceitar, sem hesitar, o convite do Ricardo Alves e do Ivo Bastos para escrever um texto sobre o novo projecto dos Palmilha Dentada para o Teatro Nacional São João. Desde 2001 que esta companhia tem vindo a construir uma dramaturgia original em que o humor pouco óbvio, desconcertante e muitas vezes cáustico, o gosto pelo absurdo e um questionamento irónico dos mecanismos do fazer teatro pelos outros e por eles próprios, criaram uma cumplicidade com os seus públicos. Só depois é que percebi que iam fazer uma revista à portuguesa e, felizmente, pelo telefone não conseguiram ver o meu sorriso amarelo. Teria de escrever sobre um género teatral que considero ser muitas vezes uma piroseira entediante, pelo menos em tempos recentes. Sou uma pedante, nas palavras do *compère* Costinha de *Assim se Fazem as Coisas*.

A revista podia não ser algo totalmente estranho ao percurso da companhia, já que as suas raízes estão no café-teatro, onde há algum contágio com o género, e já tinham experimentado o musical em 2009 com *A Cidade dos Que Partem*, aliás o seu primeiro espectáculo no Teatro Nacional São João. Por isso, e parafraseando Almada Negreiros, “antes de acontecer pressinto que vai tudo acontecer bem”.

## 2. Um pouco de história (deformação profissional, como os actores da Palmilha Dentada bem o sabem...)

Através da figura típica do *compère*, a peça justifica a opção por este género popularucho, quase a pedir desculpa, através de uma breve retrospectiva histórica. A sua origem é francesa, junto aos teatros populares dos arredores de Paris, em que surgiu a tradição de criticar os acontecimentos políticos e sociais do ano anterior, a “revue de fin d’année”, onde sketches cómicos eram intercalados com canto, dança e declamação. Com o tempo, juntou-se algum humor brejeiro e mulheres pouco vestidas. A popularidade foi enorme, sobretudo junto das grandes massas de trabalhadores e da nova classe média, que enchiam as grandes metrópoles industriais de novecentos.

No Portugal da Restauração, em 1851, importava-se a novidade teatral, e o espaço abarracado mais dado à comédia e sempre cheio de público, o Teatro Ginásio, estreava a primeira revista, *Lisboa 1850*, escrita por José Maria Latino Coelho e por Francisco Palha e protagonizada pela vedeta da época, o actor Taborda. A rábula mais conhecida mostrava o contraste entre a Lisboa antiga, dos candeeiros a azeite, e a Lisboa moderna, da iluminação a gás. O sucesso foi fulminante e sucederam-se várias revistas. Ainda se propôs a designação de *Revista do Ano* para este género, mas é o *à Portuguesa* que triunfa. O humorista e autor de textos de várias revistas, André Brun, sintetizava este êxito popular: “Tirem tudo ao alfacinha, mas não lhe tirem a revista!”

Como sempre, de lisboeta passa a portuguesa e chega ao Porto, onde apenas muda o sotaque, e conquista o gosto dos tripeiros ocupando vários espaços teatrais da Invicta, desde os mais populares até ao Teatro Carlos Alberto, onde passaram durante a I República 87 revistas. E até o São João, mais virado para a ópera e o teatro sério, teve de se render a 5 representações revisteiras. Se é Nacional é Clássico! Está garantida a honra dos Palmilha Dentada.

Em finais do século XIX, Ramalho Ortigão, Eça de Queirós ou Fialho de Almeida falavam da decadência teatral portuguesa. Eça lançava a farpa, dizendo que isto tinha que ver com “o feito da nossa inteligência”, que preferia o drama de grande efeito com finais de faca e alguidar ou, então, o que designava por “velhos motivos da pilhéria lusitana”, numa alusão à revista.

Apesar destas críticas, artistas variados juntaram-se à revista, como Rafael Bordalo Pinheiro, que faria do seu Zé Povinho o *compère* em várias revistas, com os seus comentários mordazes à situação política e social. Além disso, foi responsável pelos figurinos e cenários de inúmeras revistas. Mas é com Sousa Bastos que a revista amadurece e se eleva a um patamar superior, musical e visualmente, e se define programaticamente o género: “Peças em que o autor critica costumes dum país ou duma localidade, ou então faz passar à vista do espectador todos os principais acontecimentos do ano findo, tais como revoluções, grandes inventos, modas, aconteci-



mentos artísticos ou literários, espectáculos, crimes, etc.”

Os republicanos souberam usá-la e até o hino português tem uma origem revisteira, já que Lopes de Mendonça e Alfredo Keil começaram por fazer uma marcha para a revista *As Cores da Bandeira*, de 1891, em que marchavam contra os bretões, os tais que nos tinham humilhado com o mapa cor-de-rosa. A implantação do novo regime republicano consolidou a popularidade da revista com uma crítica política e social acutilante, ajudada pela constante turbulência política, e fez dos fadistas elementos essenciais do seu êxito. E a revista mostrava uma capacidade de se reinventar nas danças e cenários, como em *A Salada Russa*, perante o impacto da vinda dos *ballets russes* de Diaghilev a Lisboa, entre 1917 e 1918.

Com a ditadura do Estado Novo, António Ferro, o intelectual do regime e criador da “política do espírito”, tentou usar a revista para passar a narrativa de um país feliz, ordeiro e que tinha um destino a cumprir. Na revista *7 e 1/2*, pediu a Leitão de Barros que, usando uma estética modernista, evocasse, por exemplo no *Fado Marinheiro*, as virtudes dos antigos heróis do mar e dos novos heróis dos ares, como Gago Coutinho. Para a revista entravam, a convite do cenógrafo Carlos Barbosa, artistas plásticos de grande qualidade, quase todos modernistas, e compositores como Frederico de Freitas. Ferro achava que este teatro ligeiro não tinha de se ocupar da po-

lítica, porque não lhe devia interessar a realidade, mas a fantasia libertadora de um quotidiano de azedumes e rancores.

Mas os autores de revista deram a volta ao texto e, sobretudo após a II Guerra Mundial, com António Ferro afastado do Secretariado da Propaganda Nacional, a revista conseguia ser um tubo de escape de uma ditadura onde a censura, mais ou menos estúpida e férrea, não dava tréguas. Encontrava-se uma certa respiração controlada através de piadas subtis e metafóricas, que criaram uma cumplicidade estreita com os públicos. Todas as grandes vedetas passaram por estes palcos ao longo de três décadas: António Silva, Ribeirinho, Milú, Vasco Santana, João Villaret, Amália Rodrigues, Beatriz Costa, Eugénio Salvador, Laura Alves, Simone de Oliveira, Raul Solnado, José Viana, entre tantos outros. Muitas destas vedetas tornaram-se estrelas de cinema. O fulgor da revista encontrava um espaço à altura com os teatros do Parque Mayer.

Com o 25 de Abril, a democracia e as liberdades eram garantidas e o fim da censura contribuía para o lento declínio da revista, porque se perdia a cumplicidade com o público construída com base numa linguagem cifrada. As tentativas de César de Oliveira, de Ary dos Santos e da sua última grande vedeta, Ivone Silva, não evitaram a crescente pobreza dos textos, acentuada por uma luta simplista e nada subtil entre a esquerda e a direita, e o visual cada

vez mais piroso e decadente. Além disso, a democracia e o cosmopolitismo permitiram novas formas de teatro e de performance e o humor diversificou-se na linguagem, nas interpretações, nos temas e nos espaços. Os Palmilha Dentada são o exemplo disso mesmo. Nos últimos anos, tem havido esforços mais ou menos conseguidos para reabilitar e repensar a revista. O Porto teve a sorte de poder rebolar-se a rir de si próprio na revista *Vai no Batalha*, protagonizada pelas marionetas do João Paulo Seara Cardoso, em 1993. Pouco mais houve.

### 3. Assim se fazem as coisas

Os Palmilha Dentada satirizam todos os estereótipos do género e, como em qualquer outro registo teatral, há sempre uma possibilidade de o e de nos reinventar. Vamos lá partir do gosto duvidoso, do riso de receita fácil e pegar no passado recente, que só poderia ser o pesadelo pandémico dos últimos dois anos e meio que assombrou as nossas vidas.

O primeiro diálogo entre o Ivo e o Gilberto, cheio de trocadilhos, desfila o rol de indignações efémeras que constrói os *hashtags* desta vida até chegarem ao tema do vírus. E a partir daí a revista é construída fazendo desfilarem a traço grosso a comédia negra que nos obriga a confrontarmo-nos, não quando estamos sós, mas como povo. Liberdades fundamentais cerceadas, cidades com cercos sanitários, multidões fechadas em casa a viver à janela, a cantar desafinado à janela, a bater palmas aos profissionais de saúde à janela, tudo por pouco tempo porque o cansaço triunfou, a aprender a fazer pão, a dançar, a fazer pilates, a partilhar tutoriais inenarráveis no YouTube e, sobretudo, a viver na dimensão do virtual. Pelo Zoom, pelo Teams e outras plataformas que tais, aprendemos a trabalhar, a reunir, a criar novas relações amorosas, a fazer jantares e até festas, como a despedida de solteiro aqui satirizada, e a usufruir da cultura sem pagar. E tudo isto no conforto da nossa casa, com as calças velhas de pijama e as pantufas coçadas que ninguém via. E aguentámos as quebras constantes de rede porque era o único momento em que não usávamos a máscara, e apesar de deixarmos de nos tocar e abraçar, ao menos podíamos ver os nossos rostos e respirar! Sem esquecer as televisões a impingirem-nos horas infundáveis sobre a covid, sempre com música de fundo a puxar ao sentimento enquanto desfilavam os números dos mortos, os números dos doentes, os números dos recuperados, tudo a ser comentado por especialistas muito especializados que nos bombardeavam ainda com mais números. E nem a tragédia dos velhos portugueses durante a pandemia é esquecida, numa comicidade dura e incómoda. Pode o humor provocar, distanciar-nos do pesadelo, libertar-nos do medo e permitir pensarmo-nos enquanto colectivo?

Há uma pausa séria, também comum na revista, em que nos voltamos a comover com a imagem crua daquele 25 de Abril de 2020 em que, prisioneiros em casa, não soubemos festejar o Dia da Liberdade. Mas um homem, o único nome individualizado na peça, com um cravo ao peito e a bandeira nacional na mão desfilou solitário e digno na Avenida da Liberdade e transportou-nos às suas costas. E voltamos a lembrar-nos do primeiro momento musical desta revista, cujo protagonista é de facto este povo que “não é um povo previdente/ é mais um povo sorridente/ que ri do triste cnicamente/ vive em desgraça alegremente”.

E a música original do Carlos Adolfo entoa em terrenos que já conhecemos bem neste género, com um tema central bem popular e que não nos sai do ouvido e que, como o Costinha explicou, apela ao sentimento colectivo, que por acaso é a constatação de um país esperto e manhoso, que mesmo em desgraça vai vivendo o melhor que pode. Também não falta o faduncho sobre a solidão, a música lamecha da menina apaixonada no Tinder e a alegre marcha da zaragatoa. A cenografia estilizada e desconstruída, operada pelos actores, vai-se reconfigurando perante os nossos olhos conforme as necessidades do espectáculo, remetendo para todos os estereótipos que fazem parte do nosso imaginário, como as escadarias e as coristas/bonecas insufladas. Os figurinos da Inês Mariana Moitas sossegam o nosso lado *kitsch* com apontamentos de plumas e lantejoulas. A brejeirice pode ser concretizada num simples desenho de umas mamas. E a linguagem reconhecível dos Palmilha Dentada, de constante diálogo directo com o público e improvisado à mistura, é intercalada com os gestos formatados e o tom declamatório, por vezes estridente, a dizer-nos, sim, malta, estamos mesmo a fazer revista à portuguesa.

De repente, o absurdo do final. Numa espécie de *Deus ex machina* perante um vírus que de facto não passa, mesmo que atenuado, opta-se por sacrificar um porco e, por favor não discutam com o autor do texto, que aliás mostrou ser um visionário, porque foi o Putin quem acabou mesmo com a covid.

Quando o espectáculo chega ao fim a revista estranhou-se, mas entranhou-se em nós e, sim, assistimos a uma piroseira pensada e assumida, sempre com um piscar de olhos cúmplice, porque estamos todos a gostar disto, não é? Até saímos a cantarolar.

Como dizia, mais uma vez, Almada Negreiros: “Temos aqui dentro desta sala tudo quanto nos é necessário – somos nós.”

\* Professora da Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo e deputada à Assembleia da República da XV Legislatura.

*Texto escrito com a grafia anterior ao novo Acordo Ortográfico.*



#### FICHA TÉCNICA TNSJ

PRODUÇÃO EXECUTIVA EUNICE BASTO | DIREÇÃO DE PALCO EMANUEL PINA | ADJUNTO DO DIRETOR DE PALCO FILIPE SILVA | DIREÇÃO DE CENA CÁTIA ESTEVES | LUZ FILIPE PINHEIRO (COORDENAÇÃO), ADÃO GONÇALVES, ALEXANDRE VIEIRA, JOSÉ RODRIGUES, NUNO GONÇALVES, MARCELO RIBEIRO | MAQUINARIA FILIPE SILVA (COORDENAÇÃO), ANTÓNIO QUARESMA, CARLOS BARBOSA, JOEL SANTOS, JORGE SILVA, LÍDIO PONTES, PAULO FERREIRA, NUNO GUEDES | SOM ANTÓNIO BICA, LEANDRO LEITÃO | LÍNGUA GESTUAL PORTUGUESA CTILG – SERVIÇOS DE TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE LÍNGUA GESTUAL

#### APOIOS TNSJ



#### APOIOS À DIVULGAÇÃO

#### AGRADECIMENTOS TNSJ

CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO  
POLÍCIA DE SEGURANÇA PÚBLICA  
MR. PIANO/PIANOS RUI MACEDO

#### O TEATRO DA PALMILHA DENTADA É UMA ESTRUTURA FINANCIADA POR



#### EDIÇÃO TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO

COORDENAÇÃO JOÃO LUÍS PEREIRA  
FOTOGRAFIA JOÃO TUNA  
DESIGN GRÁFICO SAL STUDIO  
IMPRESSÃO EMPRESA DIÁRIO DO PORTO, LDA.

#### APOIOS TEATRO DA PALMILHA DENTADA

TUNA DE SANTA MARINHA, PELA CEDIÊNCIA DOS FIGURINOS DAS MARCHAS POPULARES.

Não é permitido filmar, gravar ou fotografar durante o espetáculo. O uso de telemóveis e outros dispositivos eletrónicos é incómodo, tanto para os intérpretes como para os espectadores.

## “Quase teatro de revista”

RICARDO ALVES

Nunca tinha feito teatro de revista. As plumas, as lantejoulas e as purpurinas irritam-me profundamente. Também confesso que elencos grandes e corpo de baile não são muito o meu estilo. Mas descobri que muito do que tenho feito, desde 2001, foi quase teatro de revista, mas sem lantejoulas, sem plumas, sem purpurinas, sem corpo de baile e com um elenco pequenino. E em vez de lhe chamar teatro de revista chamava-lhe café-teatro. Há ainda outra diferença: no café-teatro não existe a figura do *compère*, que actua entre actos para que os outros actores possam mudar de roupa. No café-teatro fazemos um pequeno intervalo, até para permitir que o público vá ao bar abastecer-se de álcool. Porque no café-teatro as casas de acolhimento também têm de ter receitas e um público em alegria alcoólica é mais generoso. De qualquer forma, do *compère* à *stand-up comedy* vai um passo pequenino.

Mas se dizem que a revista nasceu em Portugal, em 1851, deixam de fora aquele que alguns consideram o primeiro autor e encenador de teatro de revista em Portugal: Gil Vicente. Não só porque era comédia e tinha canções, mas principalmente porque era o retrato mordaz de uma época. E a ele fui roubar o título, “Assim se fazem as coisas”, não porque ache Gil Vicente o primeiro autor de revistas, mas porque o teatro não cabe em prateleiras e ele devia divertir-se muito no processo criativo. E disso eu gosto, de ir descobrindo em cada processo um processo novo de fazer a coisa.



Ou de ir repetindo clichés na esperança de criar um novo. O que, apesar de parecer o contrário, é a mesma coisa.

Nos desafios do teatro apenas uma coisa me assusta: fazer duas vezes o mesmo espectáculo sem perceber sequer que estou a fazer o que já fiz, derradeira e indesculpável falha de qualquer criador. Não gosto de períodos azuis ou de artistas que se resumem a uma nova técnica.

Ser desafiado pelo Teatro Nacional São João para fazer revista é divertido, principalmente porque já todos sabíamos que o resultado nunca seria uma revista à portuguesa. Nunca fiz revista e não voltarei a fazer revista.

A revista foi acima de tudo a censura. É um lugar-comum, mas é verdade. Ainda antes do Estado Novo, uma paródia ao rei e à sua amante motivou uma lei que proibia a caricatura de personagens reais nos espectáculos. No fundo, a censura obrigou à insinuação, artimanha intelectual de se dizer o que não fica dito. Em vez de libertar-nos da insinuação, a falta de censura torna-a torpe, e o exercício dispensável.

Nunca fui censurado, apenas pelos actores e por outros cúmplices do processo, e por mim próprio. A censura necessária. A censura que nos impede de ser boçais e rasteirinhos.

*Texto escrito com a grafia anterior ao novo Acordo Ortográfico.*

### **Tema de abertura**

Assim se fazem as coisas, por aqui  
neste país esperto e manhoso  
onde do triste a gente ri  
e onde um povo caloroso  
vive a dançar e a chorar  
e por não saber cantar  
é feliz ao ser piroso

Só somos felizes assim  
antecipando a desgraça  
chorando do que é ruim  
e a rir de brincadeira

Não é um povo previdente  
é mais um povo sorridente  
que ri do triste cinicamente  
vive em desgraça alegremente

### **Fado à janela**

A porta fechada assim  
não deixa passar ninguém  
vivo preso só em mim  
e em mim só há desdém

Eu até gostava de ser  
como era antigamente  
mas já nem me posso ver  
ao espelho ultimamente

Bola à porta fechada, não  
não, assim não dá,  
eu vou morrer, eu vou murchar  
e como viver sem emoção  
se o golo eu não puder gritar?

Da bola tenho saudades  
de num estádio me espraiai  
na bancada fazer a onda  
e prò campo, assobiar e insultar

O momento é de emoção  
é penákti, vamos marcar  
mas à volta só solidão  
e eu só quero é chorar

### **Canção de amor**

O amor é sempre assim  
escolher o que se gosta  
deitar fora o que é ruim  
o amor é uma aposta  
em que toda a gente, a bem,  
quer melhorar o que já tem

O amor não é oposto  
nem igual nem semelhante  
o amor é, e como eu gosto,  
escolher um mau amante  
martelar, malhar a eito  
até o amante ficar do meu jeito

O amor é coisa fina  
passada num passe-vite  
a vida assim o ensina  
por mais que ele grite

### **Marcha da zaragatoa**

Na marcha da zaragatoa  
vamos todos é dançar  
a máscara vai no ar  
e a alegria voa  
voa sem querer parar

Para trás fica a tristeza  
e a incerteza de te querer beijar  
vamos é bailar na rua  
o vírus não tem cura  
mas eu não vou parar

Neste nosso ajuntamento  
o distanciamento é só no pensar  
quero-te bem junto a mim  
com um abraço assim  
o vírus não vai passar

O fevereiro eu já esqueci  
em março eu só dormi  
abril foi a penar  
em maio nem pensar

Em junho vou dançar  
em julho mergulhar  
agosto a bronzear  
e em setembro volto a angustiar

Na marcha da zaragatoa  
vamos todos é dançar  
a máscara vai no ar  
e a alegria voa  
voa sem querer parar

Para trás fica a tristeza  
e a incerteza de te querer beijar  
vamos é bailar na rua  
o vírus não tem cura  
mas eu não vou parar

Neste nosso ajuntamento  
o distanciamento é só no pensar  
quero-te bem junto a mim  
com um abraço assim

O vírus não vai passar  
quero-te bem junto a mim

Com um abraço assim  
o vírus, o vírus, o vírus, o vírus  
o vírus não passará!





TEATRO CARLOS ALBERTO  
ESTREIA 20 MAIO – 5 JUNHO 2022  
QUA-SÁB 19:00 DOM 16:00

# ASSIM SE FAZEM AS COISAS: MONUMENTAL REVISTA ANTIPOPULARUXOS

TEXTO E ENCENAÇÃO RICARDO ALVES

DIREÇÃO MUSICAL  
E MÚSICA ORIGINAL  
CARLOS ADOLFO

DIREÇÃO PLÁSTICA  
RICARDO ALVES  
COM SANDRA NEVES

FIGURINOS  
INÊS MARIANA MOITAS

DESENHO DE LUZ  
CLÁUDIA VALENTE

DIREÇÃO TÉCNICA  
DÁRIO PAIS

EXECUÇÃO MUSICAL DO  
“FADO À JANELA”  
ALFREDO TEIXEIRA

MISTURA DA BANDA SONORA  
TIAGO RALHA

PRODUÇÃO EXECUTIVA  
HELENA FORTUNA

INTERPRETAÇÃO  
CAROLINA ROCHA  
CRISTINA BRIONA  
GILBERTO OLIVEIRA  
IVO BASTOS  
JOÃO COSTA

COPRODUÇÃO  
TEATRO DA PALMILHA DENTADA  
CINE-TEATRO SÃO PEDRO  
TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO

DUR. APROX.  
1:15  
M/12 ANOS

AS RÉCITAS DOS DIAS 20, 21 E 22 INTEGRAM  
A 45.ª EDIÇÃO DO FITEI – FESTIVAL INTERNACIONAL  
DE TEATRO DE EXPRESSÃO IBÉRICA.

LÍNGUA GESTUAL PORTUGUESA  
+ CONVERSA COM O MESTRE  
22 MAI

DTNSJ É MEMBRO



MECENAS DO TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO

